

EXPERIÊNCIAS DO PROJETO DE EXTENSÃO UMBU DO CARIRI NAS COMUNIDADES RURAIS CAITITU E ASSENTAMENTO MANDACARU, NO MUNICÍPIO DE SUMÉ -PB, ENTRE OS ANOS DE 2015 E 2018

Danilo Silva dos Santos ¹
Yarlla Lira Ferreira ²
Carla Mailde Feitosa Santa Cruz³

RESUMO

O projeto de extensão Umbu do Cariri vem sendo desenvolvido desde o ano de 2015 na comunidade Caititu e adjacências e a partir do ano de 2018 no Assentamento Mandacaru. O recorte sobre o qual realizamos a sistematização e análise refere-se ao período de 2015 a 2018. Buscou-se sistematizar a trajetória do projeto com ênfase no diálogo entre os saberes científicos e os conhecimentos populares, identificando agentes envolvidos, metodologias utilizadas, resultados alcançados e desafios postos. Com os resultados econômicos e os ganhos sociais e ambientais obtidos entre os anos de 2015 e 2018 às famílias envolvidas no projeto passaram a visualizar a cultura do umbu como forte aliada do crescimento econômico. Como também o plantio de mudas de umbu e os cuidados para não degradar as plantas no período de colheita faz parte da responsabilidade ambiental do projeto. Com isso torna-se visível a necessidade de investimentos em capacitações e assistência técnica para as comunidades rurais, como também na agroindustrialização do setor, sendo este um fator decisivo para que se possa aproveitar os recursos naturais de forma sustentável. Os investimentos realizados e os retornos obtidos pelas famílias extrativistas do umbu nas comunidades atendidas pelo projeto tem contribuído para a superação da pobreza e das desigualdades de gênero, pois algumas mulheres que dependiam exclusivamente do Bolsa Família passaram a ter na cultura do umbu sua principal fonte de renda.

Palavras-chave: Projeto de extensão, Cultura do umbu, Sistematização de experiências, Empoderamento.

INTRODUÇÃO

O umbuzeiro, *Spondias tuberosa*, é uma espécie de plant do gênero *Spondias*, família *Anacardiaceae*, nativa do Semiárido brasileiro, não existindo relatos da sua ocorrência em outras regiões do planeta. É uma espécie de grande importância para o Bioma Caatinga, pois além de sobreviver sob as condições hostis do clima semiárido, consegue produzir uma grande quantidade de frutos que, são ricos em carboidratos e vitamina C (ácido ascórbico),

¹ Graduando do Curso de Tecnologia em Agroecologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, danillosilva041@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Tecnologia em Agroecologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, yarllaliraf07@gmail.com

³: Técnica de laboratório da UFCG/CDSA; Mestra em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas, pela UFPB, carlacavn@hotmail.com

apresentando ainda, teores significativos das vitaminas A, B1 e sais minerais (CAVALCANTI et al., 2002).

De acordo com pesquisa realizada por Silva (2016), estima-se que exista no município de Sumé-PB aproximadamente 14.000 (quatorze mil) pés de umbu distribuídos nas diversas comunidades rurais. Somando-se a isto, dados da Embrapa (2007) mostram que uma planta de umbuzeiro produz entre 60 kg (sessenta) e 300 kg (trezentos) quilogramas do fruto umbu. Tomando como referência o período de 2010 a 2014, identificamos a produção de apenas três toneladas de umbu no Município de Sumé-PB (IBGE, 2018), uma ínfima produção do frente ao potencial da região.

Sendo a Região do Cariri Paraibano uma potencial produtora do fruto umbu e dado seu considerável valor nutricional, algumas questões são postas: por que tem-se tanto desperdício do fruto na época da safra? Que políticas públicas precisam ser delineadas para os agricultores reconhecerem a importância da cultura do umbu para a região?

Tentando compreender estas e outras indagações, é que buscamos sistematizar neste trabalho a trajetória do projeto de extensão Umbu do Cariri⁴, com ênfase no diálogo entre os saberes científicos e os conhecimentos populares na construção do projeto, identificando agentes envolvidos, metodologias utilizadas, resultados alcançados e desafios postos.

O projeto de extensão Umbu do Cariri vem sendo desenvolvido desde o ano de 2015 na comunidade Caititu e adjacências e a partir do ano de 2018 no Assentamento Mandacaru. O recorte sobre o qual realizamos a sistematização e análise refere-se ao período de 2015 a 2018.

A comunidade Caititu está localizadas na mesorregião da Borborema e na microrregião do Cariri Paraibano distando aproximadamente 18 quilômetros do município de Sumé - PB e 30 quilômetros do município de Serra Branca -PB. Residem nesta comunidade aproximadamente 50 famílias e 130 pessoas. As atividades econômicas destas comunidades são bastante diversificadas, mas em sua maioria estão relacionadas ao uso da terra. A criação de animais, o cultivo do solo quando há inverno, o extrativismo do umbu, as aposentadorias, os empregos públicos, a prestação de serviços alugados e os benefícios dos programas sociais estão entre as principais fontes de renda (Santa Cruz, 2018).

O Assentamento Mandacaru é originado do processo de Reforma Agrária, passando de Fazenda Feijão a assentamento no ano de 1998. A toponímia do lugar refere-se a planta símbolo

⁴ Projeto de Extensão desenvolvido pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido- CDSA, da Universidade Federal da Campina Grande, Campus Sumé-PB.

de resistência aos longos períodos de estiagem. No referido assentamento existe cento e dezoito famílias cadastradas que geograficamente distribuem-se em três agrovilas: a da sede, a do campo e a do lamedor.

A relevância da extensão universitária é inquestionável como elo de difusão de saberes produzidos historicamente na academias e dos quais uma parcela da população não acessa.

Reafirmando esta importância, a concepção de extensão universitária que mais se aproxima de como a concebemos é definida por Paula (2013, p. 22), “ trata-se, essencialmente, de ver a extensão universitária como uma cultura, como uma prática, como um compromisso, indispensáveis à plena realização da universidade como instrumento emancipatório.”

Apresentar o conhecimento sistematizado é uma forma de difundir e contribuir com outras experiências similares. Nas palavras de Pontual (2013), “a sistematização de experiências contribui para ampliar sua potência de ação, para a construção coletiva de conhecimentos voltados a uma ação transformadora da realidade e emancipação dos sujeitos da construção de outros mundos possíveis”.

METODOLOGIA

A aproximação da Comunidade Caititu e do Assentamento com a universidade ocorreu através de diálogos estabelecidos em palestras e rodas de conversas nas próprias comunidades, onde realizava-se diagnósticos participativos. Com isso, um agricultor da Comunidade Caititu fez a seguinte fala: “Vejam se universidade pode nos ajudar, pois temos muito umbu e se perde quase todo”. Sendo que no período em discussão ainda não havia estudos indicando o quantitativo e potencial produtivo dos umbuzeiros da região. Sabia-se apenas que ocorriam perdas significativas do fruto no período da safra, conforme figura 1.



Figura 1- Diagnóstico do desperdício de umbu na Comunidade Caititu, 2015. **Acervo:** Carla Mailde

Em 2015 foi realizado o diagnóstico prévio da quantidade de plantas de umbuzeiro existentes na Comunidade Caititu e adjacências, com isto teve início o planejamento com vistas a estabelecer parcerias para viabilizar a comercialização, identificar as famílias interessadas em trabalhar com o extrativismo do umbu, mapear os possíveis compradores do fruto e levantar os insumos necessários para a comercialização. As parcerias firmadas com o Programa de Ações e Estudos para o Semiárido - PEASA e com a Cooperativa Hidroçu viabilizaram o transportes dos frutos colhidos até as unidades de beneficiamento localizadas em outros municípios.

Em 2018, o projeto passou a abranger também o Assentamento Mandacaru. A partir de experiências compartilhadas com outras comunidades e das capacitações recebidas, percebeu-se a necessidade de trabalhar com o fruto do umbu para além do período de sazonalidade. Os integrantes do projeto receberam capacitação em Boas Práticas de Fabricação – BPF para o serviço de alimentação e processamento mínimo de frutas e hortaliças, com objetivo de agregar valor ao umbu e obter derivados. Estas capacitações foram realizadas no laboratório de tecnologia de alimentos do CDSA/UFCG (Figura 2).



Figura 2 - Capacitação em Boas Práticas de Fabricação de alimentos e processamento mínimo de frutas, 2018. **Acervo:** Carla Mailde

Após a expansão do projeto para o Assentamento Mandacaru novas perspectivas e demandas passaram a existir. As experiências da agricultura Nazaré⁵ com a agroecologia possibilitaram pensar a cultura do umbu para além dos rendimentos econômicos, passando-se a discutir e incentivar a produção de mudas (conforme figura 3), tendo em vista que o umbuzeiro integra o rol das árvores ameaçadas de extinção (Lima Filho, 2011).



Figura 3 – produção de mudas de umbu do Assentamento Mandacaru para replantio, 2019. **Acervo:** Maria Nazaré

Diante dos avanços obtidos com o extrativismo do umbu os agricultores receberam capacitação de como coletar o umbu sem danificar as plantas, visto que é comum nas

⁵ Maria Nazaré Alves de Queiroz é agricultora agroecológica, assentada da Reforma Agrária e reside no Assentamento Mandacaru desde o ano de 2006.

comunidades rurais a prática de derrubar os frutos batendo com vara, causando diversos danos as plantas e desperdícios da produção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 2015, primeiro ano de desenvolvimento do projeto, estiveram envolvidas aproximadamente dez famílias agricultoras no extrativismo do umbu. Entre os meses de fevereiro e março houve a comercialização de aproximadamente cinco (05) toneladas de umbu *in natura*, gerando, para aquelas comunidades, rendimentos econômicos de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais). Sendo o primeiro ano de comercialização de umbu em escala industrial, organizado através da parceria Universidade e Comunidades. Após o ano de 2015 as famílias envolvidas no projeto passaram a visualizar a cultura do umbu como forte aliada do crescimento econômico.

No ano de 2018 as duas comunidades conseguiram comercializar aproximadamente 7,5 toneladas de umbu para unidades de beneficiamento no Estado da Paraíba. O Preço médio pago por kg foi de R\$ 1,00, pois existiu o apoio institucional para realizar o transporte. Conseguiram obter manualmente 40 kg (quarenta quilogramas) de polpa que mais viria a servir para capacitações, produção e pesquisas na universidade.

A utilização das estruturas da universidade tem sido fundamental neste momento de estruturação da associação CARIMBU, pois é no espaço e com os equipamentos existentes no laboratório de alimentos do CDSA/UFCG que se trabalha com o beneficiamento, processamento e armazenamento do umbu. Entendemos esta parceria com a CARIMBU como elo de fortalecimento institucional da UFCG/CDSA, que na execução do projeto tem tido ganhos ao trabalhar com a cultura do umbu.

Com o caminhar do projeto foi possível constatar que existe uma carência das comunidades rurais por assistência técnica permanente, pois eles são desassistidos quanto ao acesso as políticas públicas destinadas a eles. Exemplo disto foi quando os agricultores do Assentamento Mandacaru deixaram de concorrer a licitação do Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE no ano de 2017 por não conseguirem preencher as fichas destinadas a licitação.

Por volta de junho de 2018 passou a pensar a possibilidade de formalização de uma associação que pudesse agregar os interesses dos extrativistas do umbu e possibilitar maior competitividade no mercado; no entanto, a decisão de criar uma associação foi precedida de duas capacitações, uma sobre associativismo e outra sobre economia solidária.

Em agosto de 2018 um grupo de dezessete pessoas das duas comunidades decidiram por criar a Associação dos Agricultores, Extrativistas e Artesãos do Cariri Paraibano - CARIMBU, que uma vez constituída pessoa jurídica pode participar do edital da Incubadora de Agronegócios das Cooperativas, Organizações Comunitárias, Associações e Assentamentos Rurais do Semiárido da Paraíba - IACOC.

O processamento do umbu na época da safra e seu consequente armazenamento apresentou-se como a alternativa mais viável para que se tenha rendimentos econômicos o ano todo com a cultura do umbu, no entanto a ausência de políticas de incentivo a agroindustrialização do setor é um fator limitante para o crescimento da cadeia produtiva. Os principais investimentos realizados no período foram: o estabelecimento de parcerias com outras instituições apoiadoras, a aquisição de 100 caixas vazadas para armazenamento e transporte dos frutos, a compra de embalagens para armazenamento de geléias, umbuzadas e licores, as capacitações da equipe da associação em gestão pessoal, mercado, empreendedorismo, controle financeiro, gestão empresarial, tecnologia aplicada a produção, todas oferecidas pela IACOC.

Embora ainda pouco acessada pelo público da associação CARIMBU, a política de garantia de preços mínimos para os produtos da sociobiodiversidade - PGPMBIO, da Companhia Nacional de Abastecimento - CONAB, apresenta-se como importante aliada no fortalecimento da cadeia produtiva do umbu.

As capacitações em associativismo e economia solidária foram fundamentais para a decisão de criar a associação, pois antes de existir formalmente é necessário que exista conhecimento dos trâmites legais e principalmente dos princípios do associativismo e da economia solidária, já que a filosofia do trabalho associativista pressupõe comércio justo e colaborativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a cultura do umbu exista há séculos, na Caatinga e nas comunidades rurais do Cariri Paraibano, percebe-se a necessidade de tornar o conhecimento sobre esta cultura acessível aos agricultores, como também investir massivamente em capacitações e assistência técnica para as comunidades rurais, assim diminuído explorações por partes dos atravessadores, os quais, compram os produtos por um baixo preço, proporcionando desta forma, a venda direta dos produtos e seu beneficiamento, fortalecendo a cadeia produtiva e a região. Igualmente importante é o direcionamento de políticas públicas de agroindustrialização do setor, pois há

produções significativas de matérias-primas sendo comercializadas a baixos custos intermediadas por atravessadores.

Os investimentos realizados e os retornos obtidos pelas famílias extrativistas do umbu nas comunidades atendidas pelo projeto tem contribuído para a superação da pobreza e das desigualdades de gênero, pois algumas mulheres que dependiam exclusivamente do Bolsa Família passaram a ter na cultura do umbu sua principal fonte de renda.

REFERÊNCIAS

CASTRO, A. S.; CAVALCANTE, A. **Flores da Caatinga - Caatinga flowers**. Campina Grande: Instituto Nacional do Semiárido, 2010. 116p.

EMBRAPA. **Umbuzeiro: valorize o que é seu**. Embrapa informação tecnológica. Brasília, DF, 2007. 33p.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Extração vegetal e silvicultura**. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/sume/pesquisa/16/12705> >. Acesso em: 07 nov. 2019.

Lima Filho, J. M. P. **Ecofisiologia do umbuzeiro**. Petrolina: Embrapa Semiárido. 2011 p. 24.

MEDEIROS, S. de S.; CAVALCANTE, A. de M. B.; MARIN, A. M. P.; TINOCO, L. B. de M.; SALCEDO, I. H.; PINTO, T. F. **Sinopse do Censo Demográfico para o Semiárido Brasileiro**. Campina Grande, PB: INSA, 2012. 103p.

MELO JUNIOR, A. F.; CARVALHO, D.; PÓVOA, J. S. R.; BEARZOTI, E. Estrutura genética de populações naturais de pequizeiro (*Caryocar brasiliense* Camb.). **Revista Scientia Forestalis**, Piracicaba, n. 66, p. 56-65, 2004.

PAULA, J. A. de. **A extensão universitária: história, conceito e propostas**. Interfaces, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 5-23, jul.- nov. 2013.

PEREIRA, M. S. **Manual técnico conhecendo e produzindo sementes e mudas da Caatinga**. Fortaleza: Associação Caatinga, 2011. 61p.

PEREZ-MARIN, A. M.; SANTOS, A. P. S. dos; FORERO, L. F. U.; MACEDO, J. M.; MEDEIROS, A. M. L. DE; LIMA, R. C. S. A. DE; BEZERRA, H. A.; BEZERRA, B. G.; SILVA, L. L. da. **O Semiárido brasileiro: riquezas, diversidades e saberes**. Campina Grande, PB: INSA, 2013. 76p. (Coleção (Re) conheceNdo o Semiárido.1).

PESSOA, M. F.; GUERRA, A. M. N."M.; SILVA, R. M.; SILVA, V. C. L.; et al. Estudo da cobertura vegetal em ambientes da Caatinga com diferentes formas de manejo no assentamento Moacir Lucena, Apodi, RN. **Revista Caatinga**, Mossoró – RN. v. 21, n. 3, p. 40-48, 2008.

PINTO, S. I. C.; SOUZA, A. M.; CARVALHO, D. Variabilidade genética por isoenzimas em populações de *Copaifera langsdorffii* Desf. em dois fragmentos de mata ciliar. **Revista Scientia Forestalis**, Piracicaba, n. 65, p. 40-48, jun. 2004.

SANTA CRUZ, Carla Mailde Feitosa. **Territórios em conflito na região do Cariri Paraibano**: uma análise na perspectivas dos Direitos Humanos. Campina Grande: EDUFPG, 2018.

SILVA, Daniel Vilar da. **Os imbuzeiros de Sumé**: construindo perspectivas para o extrativismo sustentável. Sumé. 2016. 88f. Dissertação (Mestre em Ciências Agrárias - Agroecologia) –Universidade Federal da Paraíba, Bananeiras, 2016.